

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE CIÊNCIAS E ENGENHARIA

Programa de Pós-Graduação em Agronegócio e Desenvolvimento

WILCER ANDRÉ MARCÓRIO

**REDES SOCIAIS E CAPITAL SOCIAL: UMA ANÁLISE DE UMA REDE
INTERORGANIZACIONAL NA CADEIA PRODUTIVA DO CACAU NO SUL DA
BAHIA**

TUPÃ

2018

WILCER ANDRÉ MARCÓRIO

**REDES SOCIAIS E CAPITAL SOCIAL: UMA ANÁLISE DE UMA REDE
INTERORGANIZACIONAL NA CADEIA PRODUTIVA DO CACAU NO SUL DA
BAHIA**

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Agronegócio e Desenvolvimento da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Engenharia, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Agronegócio e Desenvolvimento.

Área de concentração: Agronegócio e Desenvolvimento

Linha de pesquisa: Desenvolvimento e Meio Ambiente

Orientadora: Profa. Dra. Ana Elisa Bressan Smith Lourenzani

Coorientadora: Profa. Dra. Giuliana Aparecida Santini Pigatto

Coorientadora: Profa. Dra. Sandra Mara Schiavi Bankuti

TUPÃ

2018

Ficha catalográfica:

M334r

Marcório, Wilcer André.

Redes sociais e capital social: uma análise de uma rede interorganizacional na cadeia produtiva do cacau no sul da Bahia. / Wilcer André Marcório. – Tupã, 2018.

90 f.

Dissertação (Mestrado em Agronegócio e Desenvolvimento) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Engenharia, Câmpus de Tupã, 2018.

Orientadora: Dra. Ana Elisa Bressan Smith Lourezani.

Coorientadora: Dra. Giuliana Aparecida Santini Pigatto.

Coorientadora: Dra. Sandra Mara Schiavi Bankuti.

1. Redes sociais. 2. Capital social. 3. Cadeia produtiva do cacau. 4. Microrregião Ilhéus-Itabuna. I. Autor. II. Título.

CDD 658

Fonte: Elaborada pela Biblioteca “Elias José Simon” – BUT, bibliotecária Eliana Kátia Pupim, CRB8 -6202.



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: REDES SOCIAIS E CAPITAL SOCIAL: UMA ANÁLISE DE UMA REDE INTERORGANIZACIONAL NA CADEIA PRODUTIVA DO CACAU NO SUL DA BAHIA

AUTOR: WILCER ANDRÉ MARCÓRIO

ORIENTADORA: ANA ELISA BRESSAN SMITH LOURENZANI

COORIENTADORA: SANDRA MARA SCHIAVI BANKUTI

COORIENTADORA: GIULIANA APARECIDA SANTINI PIGATTO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em AGRONEGÓCIO E DESENVOLVIMENTO, pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. ANA ELISA BRESSAN SMITH LOURENZANI

Coordenadora do Curso de Administração / Faculdade de Ciências e Engenharia - FCE - UNESP - Tupã/SP

Prof. Dr. NELSON RUSSO DE MORAES

Coordenadora do Curso de Administração / Faculdade de Ciências e Engenharia - FCE - UNESP - Tupã/SP

Profa. Dra. KATIANY GOMES SANTANA ESTIVAL

Departamento de Ciências Administrativas e Contábeis / Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC - Ilhéus/BA

Tupã, 26 de abril de 2018

Dedico este trabalho à minha mãe Célia, minha avó Mafalda, minha irmã Vitória e à minha namorada Julia, que estiveram ao meu lado e me apoiaram frente a qualquer dificuldade.

AGREDECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que nos permite interpretar a vida e entender qual o nosso objetivo.

Agradeço imensamente à Prof.^a Ana Elisa, por sua paciência, dedicação e fé em acreditar em minha capacidade, mesmo quando demonstrei minhas limitações.

Aos Prof. Nelson e Katianny pela sua disposição em participar das bancas de qualificação e defesa, tornando esse processo ainda mais enriquecedor.

Às Prof. Giuliana, pelo convite para participar de seus projetos de pesquisa, fornecendo, assim, os recursos para a realização da pesquisa de campo. À Sandra e novamente à Giuliana por suas valiosas contribuições durante o andamento da pesquisa.

Agradeço também ao Prof. Mário pela dedicação e paciência em me ensinar sobre à análise de redes sociais e como usar o *software* UCINET6.

Agradeço ao Cristiano, Ana Paula, Lanns, Eduardo, Adriana, Tatiane, José Brandt, Ricardo, Neide, e a todas as pessoas que me acolheram durante as pesquisas de campo no sul da Bahia.

Aos Docentes do Programa de Pós-Graduação em Agronegócio e Desenvolvimento por compartilhar suas experiências e conhecimentos, fortalecendo meu desenvolvimento pessoal e profissional.

À FCE/UNESP por ter me disponibilizado um ambiente propício, além dos recursos materiais e financeiros necessários para a prática da ciência.

Ao Fábio e ao Marcel da Seção Técnica de Pós-Graduação da FCE/UNESP, por ter sanado todas minhas dúvidas e me alertado sobre prazos e entregas de documentos, sempre com muita educação.

Ao CNPq por ter oferecido, por meio do processo 448771/2014-4, o financiamento necessário para a realização da pesquisa de campo.

Ao meu mentor e colegas do Grupo de Estudos em Democracia e Gestão Social, por compartilhar um espaço de construção do conhecimento e do pensamento crítico.

Aos meus companheiros de república, com quem dividi momentos inesquecíveis durante a graduação e a pós-graduação.

À minha namorada Julia, companheira de todas as horas, serei grato eternamente por me acolher nos períodos de mudança e por me acalmar nos momentos mais difíceis. Essa conquista também é sua!

Por fim, agradeço principalmente à minha família, em especial à minha mãe Célia e minha avó Mafalda, sem vocês eu não conseguiria chegar onde cheguei, eu não seria a pessoa que sou, seria mais um homem com valores comuns. O título não é meu, é de vocês!

“Nem os garotos tocavam nos frutos do cacau. Temiam aquele coco amarelo, de caroços doces, que os trazia presos àquela vida de carne-seca e jaca. O cacau era o grande senhor a quem até o coronel temia”

(Jorge Amado em “Cacau”. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 75).

MARCÓRIO, Wilcer André. **Redes sociais e capital social**: uma análise de uma rede interorganizacional na cadeia produtiva do cacau no sul da Bahia. Tupã: Unesp, 2018. 90 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócio e Desenvolvimento) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Engenharia. Tupã, 2018.

RESUMO

O cacau chegou ao estado da Bahia em 1746, mas sua expansão foi marcada a partir de 1820. Entre 1820 e 1985, a cacauicultura baiana evoluiu de modo a ultrapassar os volumes produzidos pelo Amazonas e pelo Pará, e de forma a compor a base da economia do estado. É importante destacar que foi a região Sul da Bahia que contribuiu em grande parte para o crescimento da produção de cacau e, levando em conta suas heranças históricas, culturais, políticas e sociais, a região ficou conhecida como “civilização do cacau”. Após a crise que se iniciou no final da década de 1980, a região sul da Bahia teve como estratégia para a retomada do crescimento a diversificação econômica, em busca de uma dinâmica menos dependente da cadeia produtiva do cacau. No âmbito da atividade cacauceira, os produtores baianos precisaram se reorganizar para prosperar dentro de um novo contexto. A reestruturação da cadeia produtiva do cacau no Sul Baiano reúne alternativas que atribuem um novo significado ao território, buscam novas oportunidades de mercado, a modernização de práticas produtivas e que salientam a importância da mobilização entre atores locais e agentes externos para a formação de redes e novas organizações sociais. Uma rede formada por diferentes atores que fazem parte da cadeia produtiva do cacau de qualidade na microrregião Ilhéus-Itabuna foi escolhida como objeto de estudo. Nesse sentido, ficou estabelecido como problema de pesquisa: Como a organização dos atores em rede pode contribuir para o fortalecimento do capital social na microrregião de Itabuna-Ilhéus? Para responder ao problema central, delimitou-se como objetivo geral: analisar como a organização dos atores em rede tem fortalecido o capital social na microrregião Ilhéus-Itabuna. De forma a responder o questionamento central com maior riqueza de detalhes foram determinados três objetivos específicos: mapear a rede e seus relacionamentos; caracterizar a rede por meio de indicadores e medidas da rede e das organizações; analisar o capital social. A amostra de pesquisa foi selecionada de forma intencional e não probabilística, totalizando nove organizações. A coleta de dados aconteceu em setembro de 2017, por meio da aplicação presencial de formulários estruturados. A análise dos dados sobre a rede e as organizações foi feita pelo *software* UCINET6. Os resultados mostraram que as organizações mais centrais, em termos de confiança, proximidade, controle de informações da rede foram o Instituto Arapyaú, a Associação Cacau Sul Bahia, o CIC e a CEPLAC, cada um atuando em frentes que fomentam tanto a produção como o processamento de cacau de maior qualidade. Percebeu-se na análise do capital social que há um objetivo comum que mobiliza os atores, as ações são recíprocas, mas que laços de amizade já existiam antes da consolidação da rede. Além disso, os resultados apontam os pontos fortes e fracos da rede e das organizações, contribuindo para que elas possam trabalhar para ampliar seu alcance.

Palavras-chave: Redes sociais. Capital Social. Cadeia produtiva do cacau. Microrregião Ilhéus-Itabuna.

MARCÓRIO, Wilcer André. **Social networks and social capital**: an analysis of an interorganizational network in the cocoa's production chain in south of Bahia. Tupã: Unesp, 2017. 90 f. Dissertation (Masters in Agribusiness and Development) – University of the State of São Paulo, School of Science and Engineering. Tupã, 2017.

ABSTRACT

The cocoa, originally found in the Brazilian Amazon region, reached the state of Bahia in 1746, but its expansion succeeded from 1820. Between 1820 and 1985, the Bahian Cacaicultura evolved in order to overcome the volumes produced by Amazonas and Pará, and has composed the basis of the state economy. It is important to highlight that it was the southern region of Bahia which contributed greatly to the growth of cocoa production and, taking into account its historical, cultural, political and social heritage, the region became known as "Cocoa civilization". After the crisis that began in the late 1980, the region has developed a diverse economy, less dependent of the cocoa production chain. The restructuring of the cocoa production chain in Southern Bahia brings together alternatives that attach a new meaning to the territory, they seek new market opportunities, modernizing productive practices and highlighting the importance of mobilizing local actors and external agents for the formation of networks and new social organizations. It was chosen as object of study a network of different actors that are part of the production chain of quality cocoa in the Ilhéus-Itabuna micro-region. In this sense, it was established as a research problem: How can the organization of network actors contribute to the strengthening of social capital in the Itabuna-Ilhéus microregion? The answer to the central problem was delimited as a general objective: to analyze how the organization of the actors in the social capital network in the Ilhéus-Itabuna micro-region. Demand to respond to the central question with greater wealth of information in order to have the determined objectives: to map a network and its relationships; features a network of indicators and measures of the network and organizations; analyze the social capital. The research sample was selected intentionally and non-probabilistic, totaling nine organizations. A survey of data took place in September 2017, through the use of structured market concepts. The analysis of the data on the network and the organizations was made by the software UCINET6, considering the dynamicity of the network, the indicators of centrality of degree, the relation and intermediation of organizations. Already an analysis of social capital occurred through the interpretation of the data based on the basic descriptive statistics, considering the structural, relational and cognitive dimensions of social capital. The results were more than central, in terms of trust, proximity, control of information of the network were the Arapyauá Institute, a Southern Cocoa Association of Bahia, the CIC and a CEPLAC. It was noticed in the analysis of the social capital that it is very common that mobilizes the actors, as the actions are reciprocal, but which are already games of friendship before the consolidation of the network. I could conclude with the study that I would work in network the opportunities of forming a Local Productive Arrangement (APL). In addition, the results are important and weak in the network and organizations.

Key words: Social networks. Social capital. Cocoa's production chain. Ilhéus-Itabuna micro-region.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Alinhamento do objetivo geral, dos objetivos específicos, da abordagem teórica e da metodologia	26
Quadro 2 – Aplicabilidade das teorias institucionais para o estudo dos SAGs.....	28
Quadro 3 – Terminologias, medidas e indicadores das análises de redes sociais	35
Quadro 4 – Dimensões do capital social e seus elementos.....	40
Quadro 5 – Uso do pacote de <i>softwares</i> UCINET6® nas etapas da pesquisa.....	44
Quadro 6 – Aplicação das dimensões do capital social na pesquisa	45

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tipologias estruturais de redes	34
Figura 2 – <i>Framework</i> conceitual da estrutura de redes interorganizacionais	36
Figura 3 – Diagrama para estruturação do método científico	41
Figura 4 – Mapa da Microrregião Ilhéus-Itabuna.....	43
Figura 5 – Sociograma que representa a frequência dos relacionamentos na rede interorganizacional.	57
Figura 6 – Sociograma que representa a confiança entre as organizações na rede.	58

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Produção, importações e exportações (em toneladas) brasileiras de cacau entre 1961 e 2013	15
Gráfico 2 - Produção de amêndoas de cacau em toneladas dos anos de 1974 a 2016 para o Brasil e o estado da Bahia, e de 1990 a 2016 para a Mesorregião Sul Baiana e a Microrregião Ilhéus-Itabuna	19
Gráfico 3 - Área (hectares) destinada à colheita de cacau entre os anos de 1990 e 2016	19
Gráfico 4 - Aspectos de importância atribuídos pelos respondentes aos atores da rede	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Aspectos de importância atribuídos pelos respondentes aos atores da rede.....	53
Tabela 2 – Cenários pessimista, realista e otimista para os graus de densidade das redes formadas a partir das variáveis frequência e confiança.....	60
Tabela 3 – Índice de centralidade de grau das organizações.....	61
Tabela 4 – Índice de centralidade de proximidade das organizações.....	64
Tabela 5 - Índice de centralidade de intermediação das organizações.....	65
Tabela 6 – Aspectos da dimensão estrutural do capital social.....	69
Tabela 7 – Aspectos da dimensão relacional do capital social da rede.....	69
Tabela 8 – Aspectos da dimensão cognitiva do capital social.....	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Aspectos gerais da atividade cacauera.....	13
1.2 Justificativa e problematização	22
1.3 Objetivos de pesquisa	24
1.4 Estrutura e desdobramento analítico da dissertação	24
2 REFERENCIAL TEÓRICO: CONTRIBUIÇÕES ACERCA DE AGRONEGÓCIO, REDES SOCIAIS E CAPITAL SOCIAL	27
2.1 Redes sociais.....	29
2.2 Termos, medidas e indicadores de redes sociais.....	34
2.3 Capital social.....	36
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	41
3.1 Delimitação geográfica e espacial da pesquisa.....	42
3.2 Delimitação da amostra e das técnicas de coleta de dados	43
3.3 Método utilizado para o mapeamento e análise da rede	44
3.4 Método utilizado para análise do capital social	45
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	46
4.1 Caracterização das organizações que formam a rede	47
4.2 Mapa da rede.....	55
4.3 Indicadores e medidas da rede e das organizações	59
4.2 Análise das dimensões do capital social	68
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
Referências	76
APÊNDICE I.....	89

1 INTRODUÇÃO

1.1 Aspectos gerais da atividade cacauera

O cacau (*Theobroma cacao*) é um produto mundial e popularmente conhecido devido ao uso de seus derivados na indústria de cosméticos, de fármacos e, principalmente, na indústria alimentícia. Entre seus subprodutos mais utilizados nas indústrias supracitadas estão a manteiga, a pasta, o liquor o pó e a torta. Além disso, o farelo e a casca do cacau são subprodutos que podem ser utilizados para alimentação animal, adubação das lavouras, até mesmo na produção de biogás (GONZALEZ et al., 2013). Apesar de o cacau estar associado principalmente à produção de chocolate, existem outras finalidades para o uso da matéria-prima com potencial de mercado, como a fabricação de geleia, vinho, vinagre, suco e derivados para confeitos, doces e sorvetes (CEPLAC, 2017a).

O cacau é o fruto do cacauero, uma planta originária da América Central, do sul do México e do norte da América do Sul, especificamente das regiões banhadas pelas bacias do rio Orinoco e Amazonas (ROSÁRIO et al., 1978). Segundo Rocha (2008), o cacauero é uma árvore adaptada a ambientes úmidos com temperaturas médias entre 25°C e 27°C, é sensível a temperaturas inferiores a 15°C, além de se desenvolver bem em áreas cobertas por florestas.

A disseminação do cacauero por outros continentes aconteceu principalmente por meio de colonizadores espanhóis e portugueses. No século XVI, produtos à base de cacau já eram consumidos pelos europeus, e na segunda metade do século XIX, já havia a ocorrência de cacaueros no continente africano. O crescimento da produção de cacau na África aconteceu devido à disponibilidade de mão de obra em abundância e de baixo custo, à adequação da cultura ao modo de vida da população local e às condições edafoclimáticas adequadas ao cultivo da planta (ROSÁRIO et al., 1978).

As variedades de cacau existentes no mercado mundial são resultantes do caminho percorrido pelo produto ao longo de sua história. São suas principais variedades: o Forastero, uma espécie natural da América do Sul e que atualmente apresenta as maiores escalas de comercialização; o Criollo, espécie originária da América do Norte, sua qualidade é tida como superior ao Forastero, mas pode ser menos resistente a pragas e doenças; e o Tринitário, uma variedade que surgiu a partir do cruzamento do cacau Forastero e do Criollo, e tem sua nomenclatura associada à existência da espécie em Trинidade (ROSÁRIO et al., 1978; MEDEIROS; LANNES, 2010).

De acordo com dados disponibilizados pela International Cocoa Organization – ICCO, o continente africano concentrou, entre outubro de 2015 e setembro de 2016, 73,4% de todo cacau produzido no mundo. O restante da produção mundial esteve dividido em 16,6% para a América e 10% para a Ásia, mais a Oceania. Nos continentes, os países que mais produziram cacau foram a Costa do Marfim, com 40%; Gana, com 20%; Indonésia, com 8%; Equador, com 6%; Camarões e Nigéria, com 5%, e o Brasil com 4% do volume mundial (ICCO, 2017a).

Potts et al. (2014) apontam que o cacau é uma das únicas *commodities* produzidas quase inteiramente por pequenas propriedades rurais. Além disso, Barrientos e Asenso-Okyere (2009) caracterizam a cadeia global de valor da matéria-prima pela destinação de grande parte da matéria-prima para a produção de chocolate e pela alta concentração e domínio de empresas processadoras (*grinders*), responsáveis pelo processamento primário do cacau e transformadoras (*branders*), responsáveis pelo processamento secundário do produto.

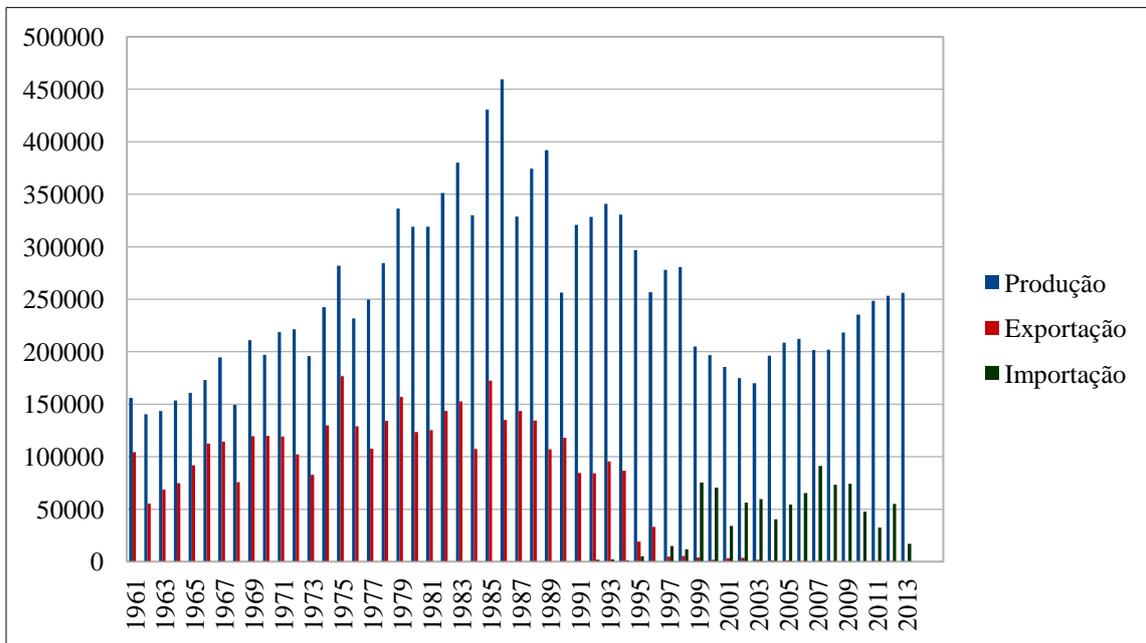
Um estudo realizado pela United Nations Conference on Trade and Development - UNCTAD (2008) demonstra o aspecto da concentração das empresas atuantes no processamento do cacau, afirmando que, em 2005, no mercado internacional dois terços da atividade eram realizados por dez empresas e que apenas três delas concentravam 40% de todo o volume processado. Em termos da distribuição geográfica do processamento, as empresas instaladas no continente europeu concentraram, entre 2015 e 2016, 38,7% do cacau processado, enquanto as companhias da África, América e da Ásia, mais a Oceania processaram, respectivamente, 18,6%, 21,4% e 21,3% do volume total (ICCO, 2017b).

Os países que registraram as maiores porcentagens de cacau processado entre outubro de 2015 e setembro 2016 foram os Países Baixos (13%), a Costa do Marfim (12%), a Alemanha (10%), os Estados Unidos (10%), a Indonésia (9%), Gana (5%), o Brasil (5%) e a Malásia (5%) (ICCO, 2017b). Dentre os países listados, os Estados Unidos contam com três das dez principais fábricas de chocolate do mundo em termos de venda líquida, sendo duas delas as primeiras do *ranking*. As demais empresas estavam localizadas na Suíça, Itália e Luxemburgo, Japão, Argentina e Reino Unido (ICCO, 2017c).

No Brasil, o processamento e a transformação do cacau também são processos controlados por poucas empresas. Segundo Silva et al. (2015), em 2012, 74% da moagem das amêndoas era feita por apenas três empresas. Já no que diz respeito à transformação do cacau, quatro empresas chocolateiras concentraram 82% da participação no mercado de chocolates no ano de 2012 (SILVA et al., 2015).

Apesar de o Brasil estar entre os principais produtores de cacau do mundo entre 2015 e 2016, as empresas processadoras brasileiras importaram 80 mil toneladas da matéria-prima no ano de 2016 (TEIXEIRA, 2016). Contudo, nem sempre o país esteve na condição de importador. Até a década de 1980, a produção e a comercialização brasileira se mantiveram em ascensão, alcançando marcas importantes frente aos demais produtores das Américas e dos demais continentes (ESTIVAL et al., 2014). O Gráfico 1 permite visualizar a evolução da produção, das importações e exportações brasileiras de cacau entre 1961 e 2013.

Gráfico 1 - Produção, importações e exportações (em toneladas) brasileiras de cacau entre 1961 e 2013



Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados da FAOSTAT (2017a,b)

Para Leiter e Harding (2004), desde a década de 1940 a produção do cacau no Brasil vinha apresentando gargalos, consequência do uso de técnicas tradicionais que levaram ao esgotamento dos nutrientes do solo, do espaçamento inadequado dos cacauzeiros, da falta de combate às doenças e da ausência da prática da poda e da capinação. Os autores ainda destacam que antes da década de 1960, o Estado brasileiro ainda não havia direcionado esforços para pesquisas e extensão no sentido de criar espécies híbridas do cacauzeiro e tornar possível o aumento da produtividade das lavouras e a lucratividade dos produtores.

A obra de Adonias Filho (2007) reforça as afirmações de Leiter e Harding (2004), pois o autor destaca que após a criação da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira

- CEPLAC, no final da década de 1950, as técnicas de produção do cacau se tornaram mais modernas. Segundo o portal da CEPLAC, o órgão, que é vinculado ao Ministério da Agricultura, surgiu em um período em que a cacauicultura brasileira vivenciava uma situação de crise (CEPLAC, 2017b).

Durante a década de 1970 o setor vivenciou um de seus maiores auges, resultado da combinação de uma alta nos preços e do volume recorde de produção. O período proporcionou “um surto de prosperidade” para a região sul baiana, contudo, muitos produtores não fizeram reservas financeiras, não racionaram a lavoura e deixaram de investir em melhorias gerenciais, em técnicas mais modernas e produtivas para destinar o capital obtido a gastos supérfluos (COUTO, 2000).

Para Couto (2000), a crise da atividade cacauera que teve início na década de 1980 foi desencadeada por uma série de fatores. Ele destaca a influência de condições externas, como os preços baixos pagos aos produtores, o grande volume mundial de amêndoas em estoque, a queda no uso ou substituição do cacau na produção de chocolates e semelhantes, a entrada de concorrentes asiáticos e da Oceania, que contavam com técnicas inovadoras e estratégias para reduzir os custos de produção, além renovação das empresas processadoras e das lavouras da Costa do Marfim. Entre os fatores internos que encadearam a crise, o autor lista as quedas do preço, da produção, do rendimento e da produtividade do trabalho, o perfil conservador dos cacauicultores, as condições climáticas adversas e a deterioração do ecossistema da Mata Atlântica.

Além disso, soma-se aos fatores listados por Couto (2000), a disseminação da doença fúngica conhecida como “vassoura-de-bruxa”¹ no final da década de 1980. Como mostra o documentário “O Nó: ato humano deliberado”, a doença prejudicou principalmente os produtores baianos, uma vez que no estado cerca de 600.000 hectares se tornaram improdutivos, fazendo com que 250.000 trabalhadores ficassem desempregados e 800.000 pessoas migrassem para os centros urbanos (O NÓ..., 2012). Na tentativa de conter os prejuízos e recuperar suas lavouras, os cacauicultores baianos buscaram soluções junto à CEPLAC e realizaram investimentos a partir de financiamentos em bancos públicos para avançar nas respectivas soluções. Contudo, as medidas orientadas pelo órgão não foram suficientes para evitar os efeitos da doença. Com isso, os produtores não obtiveram retorno financeiro para quitar as dívidas com os bancos e muitos ainda continuam em débito com a União (O NÓ..., 2012).

¹ A vassoura-de-bruxa é uma das doenças mais ameaçadoras do cacauero. Original da região amazônica, a doença é causada pelo fungo *Moniliophthora perniciosa* e pode provocar o amadurecimento precoce, a aparição de manchas, a inchação e o apodrecimento dos frutos, e secamento dos ramos (CEPLAC, 2017a).

É importante salientar que a “vassoura-de-bruxa” é uma doença originária da região amazônica e que há suspeitas de que amostras de seus agentes patogênicos foram levadas intencionalmente à Bahia ao final da década de 1980. Esse fato reflete a importância do estado para a cacauicultura brasileira, uma vez que a crise ocasionada pela doença afetou a dinâmica da atividade em todo o país (CALDAS; PERZ, 2013).

O cacau é um fruto originalmente encontrado na região amazônica brasileira e chegou na Bahia em 1746. Apesar disso, a expansão da cacauicultura baiana obteve êxito a partir de 1820, sendo que de 1820 a 1985, a atividade evoluiu de modo a ultrapassar os volumes produzidos pelos estados do Amazonas e pelo Pará, e de forma a compor a base da economia estadual. É importante destacar que foi a região sul da Bahia que contribuiu em grande parte para o crescimento da produção de cacau no estado e, levando em conta as heranças históricas, culturais, políticas e sociais deixadas pela cacauicultura, a região ficou conhecida como “civilização do cacau” (ADONIAS FILHO, 2007).

Segundo Serra e Marinho (2007) e Almeida et al. (2013), o desempenho da economia cacauera culminou no crescimento econômico do Sul Baiano ao longo das décadas de 1960, 70 e 80, mas não foi suficiente para promover o desenvolvimento da região no longo prazo, uma vez que a exploração econômica baseada na monocultura e uma organização social dos agentes locais marcada pela presença e pelo conflito de elites econômicas e políticas dificultaram a distribuição igualitária dos resultados entre os agentes da cadeia do cacau e reduziram os esforços direcionados ao avanço da atividade.

Após a crise que se iniciou no final da década de 1980 e atravessou os anos de 1990, a região sul da Bahia, assumiu como estratégia para a retomada do seu crescimento, a diversificação econômica, passando assim a ter uma dinâmica menos vinculada à cadeia produtiva do cacau. No mesmo contexto, os produtores baianos precisaram se reorganizar, uma vez que a produção de cacau deixara de ser uma atividade voltada às exportações e passara a integrar a cadeia de abastecimento da indústria nacional de alimentos. Esse processo foi resultado do fenômeno da globalização, o que possibilitou a entrada de investimentos estrangeiros no Brasil e mudanças nos hábitos de consumo da população brasileira (COUTO, 2000).

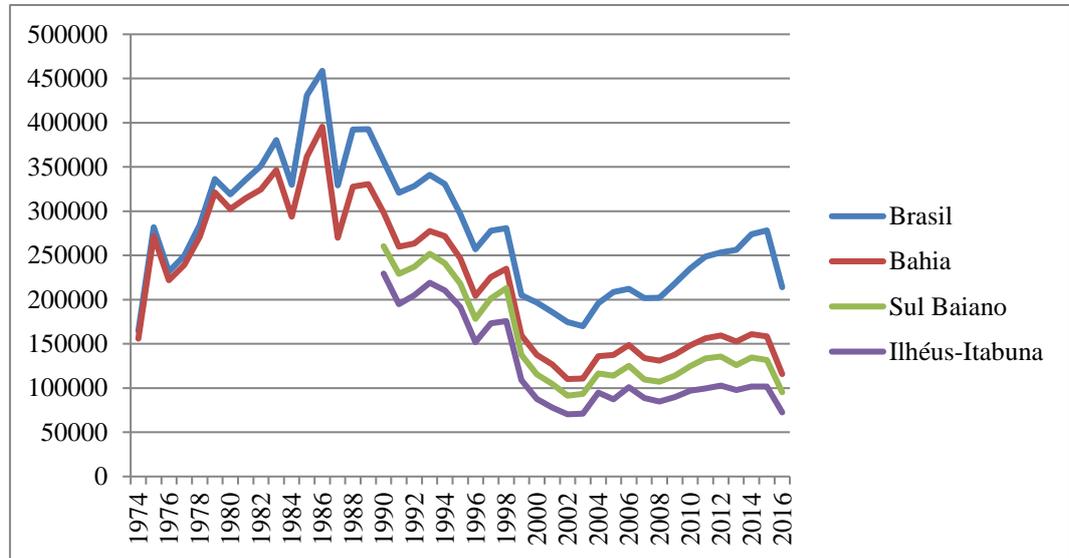
No sentido assim retratado, as contribuições de Saes e Silveira (2014) reforçam o posicionamento de Couto (2000). Para os autores, após a década de 1980 as cadeias produtivas agrícolas brasileiras passaram a obter novas configurações tendo em vista as mudanças nos ambientes institucional, competitivo e estratégico. A abertura do mercado externo sinalizou o fim de restrições quantitativas e qualitativas para as exportações, além de incentivar a entrada

de produtos importados no Brasil. A indústria nacional que antes era protegida pelo Estado passou a competir diretamente com empresas multinacionais e o mercado brasileiro se tornou cada vez mais concentrado. Diante disso, as estratégias no nível organizacional buscaram a redução dos custos, aumento da produtividade, a criação de novos segmentos e a diversificação dos mercados (SAES; SILVEIRA, 2014).

Fontes (2013), em um estudo sobre a dinâmica de pequenas agroindústrias de chocolate no sul da Bahia, destaca que a globalização também encadeou um processo de desenvolvimento com base na valorização das identidades regionais e de comunidades locais. Ainda segundo a autora, a reestruturação da cadeia produtiva do cacau na região sul baiana reúne alternativas que atribuem um novo significado ao território, buscam novas oportunidades de mercado, a modernização de práticas produtivas e que salientem a importância da mobilização entre atores locais e agentes externos para a formação de redes e novas organizações sociais, mesmo que ainda existam resistências para que se permaneça o modelo de produção baseado na monocultura “(...) cujo passado propiciou o isolamento desses atores sociais” (FONTES, 2013, p. 26).

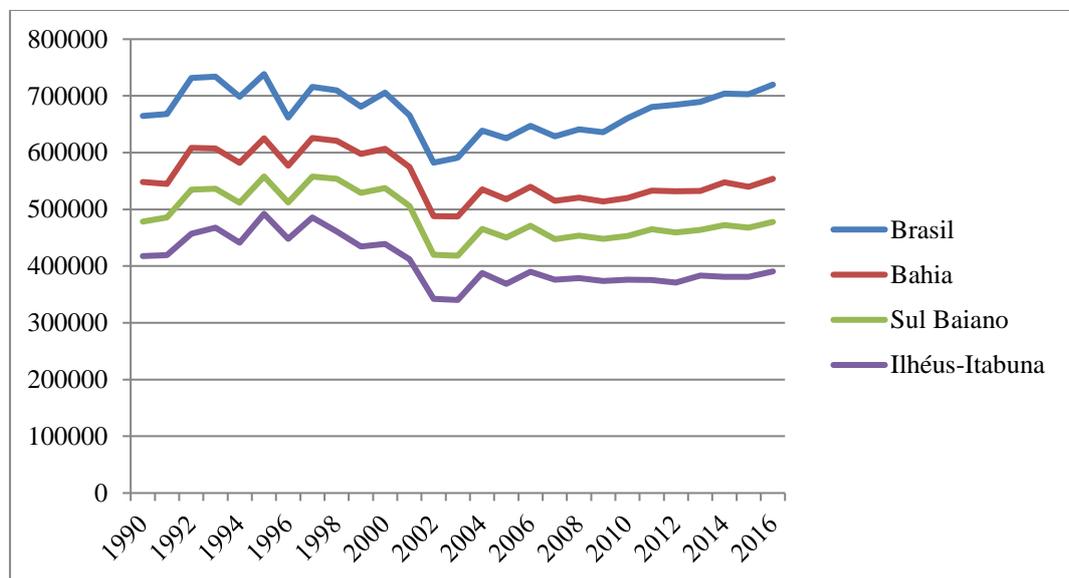
Embora o montante produzido e a área destinada à colheita de cacau tenham diminuído a partir de 1990, como mostram os Gráficos 2 e 3, a atividade cacaeira ainda revela um grande potencial para a região sul da Bahia. Percebe-se uma retomada no crescimento a partir de 2006. De acordo com dados registrados pelo Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA), no ano de 2016, o estado da Bahia, a mesorregião Sul Baiana e microrregião Ilhéus-Itabuna foram responsáveis, respectivamente, por 54%, 44% e 34% da produção nacional de cacau. Percebe-se o potencial produtivo da atividade cacaeira na região quando se compara a participação do estado do Pará, segundo maior produtor brasileiro e responsável por 40% do volume produzido no Brasil, em 2016 (SIDRA, 2017a).

Gráfico 2 - Produção de amêndoas de cacau em toneladas dos anos de 1974 a 2016 para o Brasil e o estado da Bahia, e de 1990 a 2016 para a Mesorregião Sul Baiana e a Microrregião Ilhéus-Itabuna



Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do SIDRA (2017a)

Gráfico 3 - Área (hectares) destinada à colheita de cacau entre os anos de 1990 e 2016



Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do SIDRA (2017a)

O potencial do sul baiano não se traduz apenas no volume de sua produção. Para Segundo et al. (2014) o cacau produzido na região pode se diferenciar no mercado e apresentar um valor superior utilizando a Indicação Geográfica (IG), uma vez sua origem está assimilada a características físico-químicas e histórico-culturais peculiares.

Segundo o texto da Lei 9.279 de 14 de março de 1996, que regula os direitos e obrigações ligados à propriedade industrial no Brasil, a Indicação Geográfica é um mecanismo legal de reconhecimento da origem e procedência de um determinado produto ou serviço. A legislação brasileira admite dois tipos de IG: a Indicação de Procedência (IP), que atribui à IG o nome do local (cidade, território, estado) onde o produto é conhecido por ser produzido/extraído ou pela prestação de um serviço; e a Denominação de Origem (DO), que remete à IG o nome do local que garante características exclusivas a um produto ou serviço, seja por fatores naturais ou humanos (BRASIL, 1996).

Ainda, de acordo com Segundo et al. (2014), a implementação da IG na região pode incentivar os trabalhos em termos de gestão do conhecimento, relações de poder, capital social, criação de redes sociais, sustentabilidade, desenvolvimento rural e a gestão ao nível territorial. A aprovação da IG do cacau do sul da Bahia está publicada no site do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI, 2018), a região passou a ser oficialmente reconhecida em janeiro de 2018 e as amêndoas produzidas podem receber o selo de Indicação de Procedência do Sul da Bahia (FÓRUM DO CACAU, 2018; MERCADO DO CACAU, 2018).

No guia da Indicação Geográfica do Sul da Bahia estão descritas as exigências que os produtores da região devem seguir para utilização do registro de Indicação de Procedência das amêndoas de cacau. Em termos da produção agrícola, os sistemas de plantio devem ser feitos com base em Sistemas Agroflorestais (SAFs)², que compreendem, neste caso, o Cacau-Cabruca³, o consórcio do cacau com a erytrina, seringueira ou outras árvores, desde que o cacau seja o principal cultivo (FERREIRA; SANT'ANA, 2017).

A qualidade das amêndoas certificadas com a IP Sul da Bahia é garantida por um processo de produção que deve respeitar as seguintes regras: seleção dos frutos maduros para a quebra do cacau, transporte da massa úmida de forma imediata para os locais onde o cacau será fermentado, garantia de que 65% das amêndoas sejam totalmente fermentadas e apenas 15% sejam parcialmente fermentadas, garantia de que as amêndoas não ultrapassem 8% do teor de umidade, não adquiram aromas e odores estranhos e estejam acompanhados de matérias estranhas e impurezas, tolerância de que até 3% das amêndoas tenham mofo interno, estejam germinando ou acompanhadas de insetos, e de que no máximo 1% da matéria-prima não esteja fermentada (FERREIRA; SANT'ANA, 2017).

² Consultar Ferreira e Sant'Ana (2017) para compreender as demais regras da IP Sul da Bahia quanto à área das lavouras de cacau, aos percentuais de outras culturas e de floresta exigidos nos SAFs.

³ “Cacau-Cabruca é um sistema ecológico de cultivo agroflorestal. Baseia-se na substituição de estratos florestais por uma cultura de interesse econômico (...) é um termo regional empregado para caracterizar uma forma de plantio de cacauais utilizada pelos colonizadores da região Sudeste da Bahia” (LOBÃO, 2017).

Além da IG, existem outras oportunidades para os produtores de cacau, não só da Bahia, mas de todo o Brasil, em agregar valor ao produto final comercializado e ampliar o acesso a diferentes mercados. São os casos das certificações de sustentabilidade, como o *Rain Forest Alliance* (CONEJERO; PONCE, 2012), certificações de produto orgânico e *Fair Trade* (VEGRO; ASSUMPÇÃO; SILVA, 2014), além da classificação do cacau fino ou de aroma⁴ (ESTIVAL; LAGINESTRA, 2015).

Ainda que sinalizem oportunidades aos produtores brasileiros, a produção do cacau classificado como de qualidade superior pode estar associada a gargalos, como o custo do processo e da mão-de-obra (CONEJERO; PONCE, 2012). Além disso, o volume da matéria-prima produzida com qualidade superior ainda não é muito grande em comparação ao cacau convencional. De acordo com Estival (2013), um estudo realizado pelo setor de Agronegócios da Price Waterhouse Coopers Brasil (PWC), em 2012, mostrou que 97% do cacau produzido no Brasil era convencional, enquanto o cacau fino, orgânico e com certificação de sustentabilidade representavam 3% do volume produzido.

A produção do cacau convencional, considerado uma *commodity* agrícola, torna-se uma opção atraente para os cacauicultores brasileiros em termos de custos, uma vez que os parâmetros de qualidade previstos pelas Instruções Normativas 38/2008 e 57/2008 (BRASIL, 2008) são mínimos em comparação ao cacau classificado como de qualidade. No entanto, o preço pago pelo cacau *commodity* pode se apresentar como uma grande fonte de incerteza para o produtor rural, haja vista que as regulamentações são feitas pela Bolsa de Nova York, dessa forma, os valores estão sujeitos a oscilações ocasionadas pelas especulações do preço futuro cotadas no mercado (MONTE; AMIN, 2006, 2007).

Tendo em vista o cenário apresentado anteriormente, o fato de que a indústria brasileira de processamento do cacau trabalha em capacidade ociosa (CONEJERO; PONCE, 2012) e a necessidade de se importar a matéria-prima da África (TEIXEIRA, 2016), Estival e Laginestra (2015) questionaram se a cacauicultura brasileira deveria suprir o déficit do abastecimento do cacau convencional, cujo mercado de preços estava, aparentemente, em alta, ou optar por investimentos em inovação visando o mercado de qualidade.

De acordo com as reportagens realizadas pela Associação Brasileira do Agronegócio – ABAG (2016) e pela Sociedade Nacional de Agricultura – SNA (2016), a respeito do conteúdo apresentado no “Fórum Estadão – A Importância do Cacau para a

⁴ A classificação do cacau fino ou de aroma considera propriedades como a cor, o aroma e o sabor. Estas características estão ligadas à variedade da matéria-prima ou ao processo de fermentação das amêndoas (MORORÓ, 2012).

Economia Brasileira”, especialistas e representantes de órgãos ligados à cacauicultura no Brasil discutiam o objetivo do setor em dobrar a produção da amêndoa nos próximos dez anos. Entre os desafios listados pelos participantes do evento estavam questões gerenciais, práticas de combate às doenças do cacaueteiro, assistência técnica, acesso a crédito e o relacionamento dos produtores com os demais elos da cadeia produtiva. Também foram listadas potencialidades da atividade, como a produção do cacau destinado à fabricação de chocolates *premium* e o fato do Brasil ser um dos poucos países que reúne os elos da produção, processamento, pesquisa e consumo.

Percebe-se então, que a retomada de crescimento da produção do cacau brasileiro depende da organização da produção frente às oportunidades de mercado, seja no abastecimento da indústria com as amêndoas produzidas no sistema convencional ou na oferta de amêndoas com qualidade superior. Para isso, é necessária a atuação da indústria de processamento e produção junto aos produtores de cacau, visando a garantia de incentivos e a coordenação da cadeia produtiva, a atuação de órgãos públicos que garantam o acesso a crédito e assistência técnica, e a atuação do terceiro setor no sentido de ampliar o acesso à informação.

1.2 Justificativa e problematização

Percebe-se que após a década de 1980, com as mudanças nos ambientes competitivo, institucional e estratégico do agronegócio brasileiro, ocorreram alterações estruturais na cadeia produtiva do cacau no sul da Bahia. Somam-se a esses fatores uma nova composição dos espaços rurais no Brasil e também na região estudada, em que se inserem novas atividades econômicas além da agricultura, como o turismo e a agregação dos processos de beneficiamento, processamento e transformação dos produtos agropecuários (COUTO FILHO, 2000; FONTES, 2013).

Para compreender essa nova configuração da cadeia produtiva do cacau é necessário que sejam levantadas informações sobre a dinâmica de interação entre os produtores, intermediários, agroindústrias, cooperativas, associações de interesse privado, órgãos de fomento e de pesquisa. No âmbito das pesquisas sobre o agronegócio existe um leque de literaturas que podem embasar os estudos das cadeias produtivas de uma maneira geral. Um aspecto a ser considerado e questionado na escolha por uma abordagem teórica é a linearidade das cadeias, uma vez que há uma busca cada vez maior pela agregação de valor dos produtos agroindustriais, resultando no aumento da complexidade dos processos produtivos, de

transformação da matéria-prima e comercialização do produto final. De acordo com Batalha e Silva (2007), se confirmada esta tendência, a abordagem de redes torna-se mais apropriada para os estudos sobre o agronegócio.

Lazzarini, Chaddad e Cook (2001), em um estudo que propõe a integração das estruturas analíticas de redes sociais e cadeias de suprimentos, sugere o termo *netchain*. Tal conceito compreende ligações horizontais entre os agentes dentro de um segmento específico do agronegócio. Os autores afirmam que as análises de redes compreendem melhor os relacionamentos entre firmas que atuam em um mesmo nível, por isso podem ser um complemento às análises das cadeias de suprimento, que consideram uma ordem sequencial e vertical das relações e transações entre diferentes firmas para a criação de valor. Ainda, segundo os autores, as abordagens utilizadas para as análises de redes sociais têm em comum “(...) a ênfase no papel da estrutura social, nos relacionamentos interpessoais e na posição individual ocupada por um agente na rede – influenciando no comportamento e performance individual ou coletivo” (LAZZARINI; CHADDAD; COOK, 2001, p. 10, tradução nossa).

Para o sociólogo norte americano Mark Granoveter, autor da teoria da imersão social que serve como pano de fundo para os estudos de redes sociais, independentemente das circunstâncias em que diferentes atores se relacionam, sejam situações de ordem econômica ou não, eles estão imersos em contexto social (GRANOVETER, 2007). Na região Sul da Bahia, tendo em vista a necessidade de reestruturação e reorganização da cadeia produtiva do cacau, Fontes (2013) destacou a importância atribuída por atores locais a uma nova organização social que ampliasse a inclusão de agentes externos como pesquisadores e órgãos públicos.

Uma análise da organização social formada a partir das mudanças na cadeia produtiva do cacau não deve se restringir apenas ao mapeamento dos relacionamentos e na caracterização das redes formadas. É importante destacar que a inserção de um indivíduo ou um grupo em uma rede permite o acesso a recursos que, de maneira isolada, seriam mais custosos ou de difícil alcance. Esses recursos são compreendidos por capital social e são traduzidos em forma de “(...) obrigações de reciprocidade, normas e sanções, acesso a informação, redução dos custos de transação, e este por sua vez pode resultar em compromisso e responsabilidade, confiança, maior democracia, inovação e ação coletiva” (BUCIEGA; ESPARCIA, 2013, p. 85, tradução nossa).

Para Buciega e Esparcia (2013), além de se compreender o capital social como um recurso gerado por diferentes redes sociais, deve-se considerá-lo também como um instrumento e não apenas um fim em si mesmo. Ainda, segundo os autores, esses elementos contribuem para entender melhor as dinâmicas do desenvolvimento territorial.

A presente dissertação é um desdobramento de dois projetos de pesquisa, um representado pelo processo 2014/14135-8 da FAPESP e o outro pelo processo 448771/2014-4 do CNPq. O primeiro projeto teve como objetivo analisar se as estruturas de governança estabelecidas na cadeia produtiva do cacau certificado no Brasil, no tocante aos segmentos de produção agrícola e processamento trazem impactos favoráveis à sustentabilidade do sistema em termos econômico e de eficiência das transações, produtivo, ambiental e social, enquanto no segundo projeto objetivou-se analisar a estrutura de governança e as inovações tecnológicas e sociais relacionadas à cadeia produtiva do cacau certificado no Brasil, no tocante aos segmentos de produção agrícola e processamento.

Os resultados dos projetos de pesquisa supracitados permitiram identificar no sul da Bahia a formação de redes que atuam na atividade cacauceira e buscam dar novos direcionamentos ao setor. Dentre essas mobilizações coletivas veio a conhecimento uma rede formada por diferentes organizações com o objetivo de fomentar na região a produção do cacau de qualidade. Entre as organizações encontravam-se associações do terceiro setor e de interesse privado, cooperativas, instituições de ensino superior, instituições de pesquisa e empresas.

Tendo em vista a bibliografia consultada sobre redes sociais e capital social, e das informações oriundas dos resultados dos projetos de pesquisa apresentados anteriormente, ficou estabelecido como problema central da dissertação: Como a organização dos atores em rede pode contribuir para o fortalecimento do capital social na microrregião de Itabuna e Ilhéus?

1.3 Objetivos de pesquisa

Tendo em vista o problema levantado, a presente pesquisa estabeleceu como objetivo geral: analisar como a organização dos atores em rede tem influenciado o capital social na microrregião Ilhéus-Itabuna. De forma a responder o questionamento central com maior riqueza de detalhes foram determinados três objetivos específicos: i) Mapear a rede e seus relacionamentos; ii) Caracterizar a rede por meio de indicadores e medidas da rede e das organizações; iii) Analisar o capital social.

1.4 Estrutura e desdobramento analítico da dissertação

A presente dissertação está estruturada em cinco capítulos: 1. Introdução, 2. Referencial Teórico, 3. Procedimentos Metodológicos, 4. Resultados e Discussão e 5. Considerações Finais. O primeiro tópico trata-se desta introdução geral, em que foram apresentados aspectos gerais da atividade cacaujeira no Brasil e na região delimitada, o problema e os objetivos da pesquisa.

O segundo capítulo traz o referencial teórico desenvolvido durante a pesquisa. A importância do tópico é justificada pelo fato de que foi necessária uma base de referência teórica para definir os procedimentos metodológicos e os meios utilizados para as análises dos resultados da investigação. *A priori*, buscou-se compreender questões conceituais e estruturais sobre redes sociais, apresentar pontos de intersecção entre a abordagem de redes e o capital social, para depois entender os elementos teóricos e as dimensões do capital social.

No terceiro capítulo foram apresentadas, a princípio, a metodologia do conhecimento científico, as técnicas de coleta de dados, a delimitação geográfica e a representação amostral da pesquisa. Em seguida foram introduzidos os métodos utilizados para a tabulação dos dados coletados e para analisar a rede escolhida e o capital social existente.

O capítulo quatro consiste nos resultados da pesquisa e nas discussões sobre as informações levantadas. Primeiramente, foram caracterizadas as organizações que formam a rede e o contexto em que ela foi concebida. Depois foram apresentados dois desenhos da rede, os indicadores da rede e das organizações, e os elementos presentes nas dimensões do capital social. Este tópico faz uma importante leitura sobre a rede, interligando variáveis quantitativas com as informações sobre a atuação das organizações na rede, e como essa dinâmica contribui para a geração de capital social.

No último capítulo foram feitas as considerações finais da pesquisa, o que consiste na representação de um apanhado dos principais pontos observados sobre a resposta dada ao problema investigado, permitindo gerar novos questionamentos para estudos futuros.

O Quadro 1 exemplifica como os objetivos específicos da dissertação estão alinhados com as abordagens teóricas e com os procedimentos metodológicos utilizados. Essa demonstração é importante, pois esclarece a questão que o pesquisador almeja responder, qual seu embasamento e quais ferramentas se dispôs a usar para tal.

A partir da organização proposta pode-se afirmar que a estrutura analítica da presente dissertação tem como seus pilares duas palavras-chave: capital social e redes sociais. Apesar de se considerar neste caso que o capital social é um recurso gerado a partir das interações da rede analisada, não se deve ignorar que o capital social pode ser um catalisador

de interações sociais e de novas organizações sociais, por isso, considera-se com uma finalidade teórico-analítica, que há uma influência mútua entre redes sociais e capital social.

Quadro 1 - Alinhamento do objetivo geral, dos objetivos específicos, da abordagem teórica e da metodologia

Objetivo Geral	Objetivos Específicos	Abordagem Teórica	Metodologia
Analisar como a organização dos atores em rede tem fortalecido o capital social na microrregião Ilhéus-Itabuna	i) Mapear a rede e seus relacionamentos	Redes Sociais; Análise de Redes Sociais (SNA)	Coleta de dados por meio da aplicação de formulários; Desenho da rede no <i>software</i> NetDraw;
	iii) Caracterizar a rede por meio Indicadores e medidas da rede e das organizações (índices de densidade, proximidade, centralidade e intermediação)		Coleta de dados por meio da aplicação de formulários; Cálculo dos índices no <i>software</i> UCINET
	iii) Analisar o capital social (dimensões estrutural, relacional e cognitiva).	Redes Sociais; Análise de Redes Sociais (SNA) e Capital Social	Coleta de dados por meio da aplicação de formulários; Análise dos dados por meio de estatística descritiva básica.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 26/04/2020.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da organização de agentes da cadeia produtiva do cacau de qualidade em uma rede interorganizacional e sua relação como o fortalecimento o capital social na microrregião Ilhéus-Itabuna aconteceu por meio do mapeamento dos relacionamentos estabelecidos, do uso de indicadores da rede e das organizações para caracterizar suas relações, e por fim, através de uma análise do capital social e suas dimensões.

Os resultados mostraram que a rede é dinâmica e representa uma fotografia do momento, mas pode evoluir de uma maneira diferente, na medida que não é possível criar padrões para os relacionamentos futuros, já que o elo de ligação dos atores tem como base a confiança e a amizade.

Por se tratar de uma rede informal, destaca-se a importância das relações de confiança e amizade, já que não há exigências contratuais para que os atores se reúnam e discutam os assuntos pendentes. A informalidade não se mostrou ser um obstáculo, uma vez que o índice de densidade da rede calculado com base na variável confiança comprova a presença da coesão na rede.

A informalidade também evidencia que não existem posições de hierarquia na rede, mas há casos em que atores controlam um maior fluxo de informações e são os alvos das relações de confiança, o que comprova a existência de situações em que algumas organizações concentram poder e influência.

A formalização da rede é uma questão que pode ser colocada em pauta pelos atores, porque a maioria deles são órgãos de representação e estão familiarizados com a burocracia exigida, como assembleias e conselhos, entre outros assuntos. A única controvérsia é que, apesar da rede trabalhar com assuntos ligados à governança da cadeia produtiva do cacau e do chocolate, como foi constatado na aplicação dos formulários e nas observações, as organizações atuam em diferentes frentes no âmbito desse cenário e, em alguns casos, como do Instituto Arapyauá, um mesmo ator fomenta ações em segmentos distintos, a exemplo da IG e da produção de chocolate.

Um ponto levantado por um dos respondentes é que a mobilização em torno da rede deveria culminar na criação de um Arranjo Produtivo Local (APL). Nesse sentido, a rede já apresenta características de um APL, como a dimensão territorial, diversidade dos setores e atividades, a geração de conhecimento e inovações por meio das interações e a governança exercida por um grupo de atores, como destacaram Cassiolato e Lastres (2001).

A diversidade das organizações já é uma realidade para a rede, porque estão envolvidas instituições de pesquisa, cooperativas, empresas, produtores de cacau, produtores de chocolate, órgãos do terceiro setor e de representação. Muitas desses atores atuam em nível regional e territorial, o que permite aumentar o alcance das informações e dos conhecimentos gerados pela rede como um todo.

Além disso, as inovações fomentadas pelos atores visam agregar maior valor às amêndoas de cacau, de forma a oferecer aos produtores mercados alternativos ao mercado de cacau vendido como *commodity*. Um exemplo disso são as regras para utilizar o selo de IP do Sul da Bahia, que determina como uma das exigências que as amêndoas fermentem por um tempo superior ao processo praticado pelos produtores de cacau convencional, fazendo com que a matéria-prima final tenha qualidade superior e conseqüentemente, maior valor de mercado.

É importante lembrar que a cadeia produtiva do cacau e do chocolate na microrregião Ilhéus-Itabuna tem respaldo tecnológico por meio da CEPLAC, Biofábrica e do CIC, acesso à capacitação profissional por meio de ações do SEBRAE, CIC, Associação Cacau Sul Bahia, FIEB, FAEB/SENAR e da Rede Povos da Mata, além de receber aporte do Instituto Arapyaú na articulação de diferentes projetos de desenvolvimento regional e territorial.

Outro fato que daria respaldo para a criação de um APL na região é a presença de diferentes instituições de ensino e pesquisa, como a UESC, a UFSB e o IFBaiano, contribuindo para capacitação profissional e intelectual da população, para o desenvolvimento de pesquisas, atividades de extensão e de novas tecnologias.

A instalação do Parque Tecnológico do Sul da Bahia também se configura em um cenário positivo para a criação de um APL, já que a iniciativa pode atrair novas empresas para a microrregião e fomentar o perfil empreendedor da população, seja por meio dos produtores de cacau, ou profissionais que atuam no setor.

Além de discutir a importância da criação de um APL do cacau e do chocolate, alguns respondentes levantaram a questão do fomento do turismo na região, assim como é feito no Vale dos Vinhedos no Rio Grande do Sul. Apesar de existirem fazendas e propriedades na região que pratiquem o turismo com foco na atividade cacauceira, não há uma mobilização de abrangência territorial com a participação de diferentes atores atuando nesse sentido. O turismo também pode ser beneficiado pelo sistema de produção que caracteriza a microrregião Ilhéus-Itabuna, tendo em vista que o modelo de produção cacau-cabruca conserva a paisagem e a vegetação local, podendo atrair pessoas interessadas em conhecer a biodiversidade do Sul da Bahia.

O modelo de produção com base em sistemas agroflorestais, seja por exigência da Indicação de Procedência do Sul da Bahia ou não, é uma questão que pode atrair pesquisadores do campo das certificações, de cadeias produtivas sustentáveis, entre outros assuntos, fazendo da região uma referência no tema e fortalecendo a construção do conhecimento e de novas tecnologias.

Outro aspecto observado foi que existem na região diferentes perfis de produtores de cacau e de chocolate. Alguns deles possuem grandes propriedades, dispõem de capital financeiro próprio e contam menos com o aporte de outras organizações, seja em termos de capacitação profissional ou tecnológica. Por outro lado, existem produtores organizados em assentamentos rurais, com menor aporte financeiro, mas que também produzem chocolate e matéria-prima com qualidade superior.

A presente dissertação permitiu que a análise de uma rede interorganizacional levantasse diferentes questões sobre a cadeia produtiva do cacau e do chocolate na microrregião Ilhéus-Itabuna. Dessa maneira, estudos futuros podem responder problemas identificados em diferentes pontos, seja por meio da escola da economia, da administração, sociologia, das escolas da engenharia, ou combinando diferentes linhas de pensamento e configurando em um trabalho interdisciplinar.

No âmbito acadêmico, a presente dissertação fortalece o campo de estudos sobre o agronegócio, contribuindo para as análises dos Sistemas Agroindustriais (SAGs) por meio de uma perspectiva que utiliza da abordagem da análise de redes sociais (ARS) em conjunto com a teoria do capital social. Nesse contexto, a dissertação, por fazer parte dos projetos de pesquisa representados pelos processos 2014/14135-8 da FAPESP e 448771/2014-4 do CNPq, oferece um novo olhar para os temas governança, sustentabilidade e inovação social na cadeia produtiva do cacau certificado.

Os resultados da pesquisa, se apresentada aos atores locais, demonstrarão em quais aspectos eles têm sido relevantes para a cadeia produtiva do cacau de qualidade e para o desenvolvimento da microrregião. Além disso, as organizações, partindo dos resultados discutidos, podem fomentar ações com base em seus pontos mais fortes e mais fracos do capital social, visando fortalecer ainda mais as relações existentes e ampliar o alcance das interações com agentes externos à rede.

Referências

ABAG – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO AGRONEGÓCIO. **Fórum do cacau**. 2016. Disponível em : < <http://www.abag.com.br/eventos/interna/abag-forum-cacau>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

ABRAMOVAY, R. **O futuro das regiões rurais**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 149 p.

ABREU, R.L. de. **Mapa da microrregião Ilhéus-Itabuna**. 2006. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ba%C3%ADa_Micro_IlheusItabuna.svg>. Acesso em 28 jul. 2017.

ADLER, P.S.; KWON, S.W. Social capital: prospects for a new concept. **The Academy of Management Review**, v. 27, n. 1, p. 17 – 40, jan. 2002.

ADONIAS FILHO. **Sul da Bahia: chão de cacau (uma civilização regional)**. 3. ed. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2007. 128 p.

AHUJA, G.; SODA, G.; ZAHEER, A. The genesis and dynamics of organizational networks. **Organization Science**, Catonsville, v. 23, n. 2, p. 434 – 448, mar./abr. 2012.

ALMEIDA, J.C. de; PINTO, E.V.; MOURA, L.T.; GUISSO, L.F. Relatos da saga do cacau no Sul da Bahia – o outro lado da história: coronéis, o estado e a monocultura do cacau. **C&D – Revista Eletrônica da FAINOR**, Vitória da Conquista, v.6, n.2, p.74-111, jul./dez. 2013.

BALASTRIN, A.; VARGAS, L.M. A dimensão estratégica de redes horizontais de PMEs: teorizações e evidências. **RAC**, v. 8, edição especial, p. 203 – 227, 2004.

BAQUERO, R.; HAMMES, L.J. Educação de jovens e construção de capital social: que saberes são necessários? In: BAQUERO, M.; CREMONESE, D. (Orgs.). **Capital social: teoria e prática**. Ijuí: Editora Unijuí, 2006. p. 141 – 158.

BARRA, G.M.J.; LADEIRA, M.B. Teorias institucionais ligadas aos estudos de sistemas agroindustriais no contexto do agronegócio do café: uma análise conceitual. **REGE**, São Paulo, v. 23, p. 159 -171, 2016.

BARRIENTOS, S.; OSENSO-AKYER, K. Cocoa value chain: challenges facing Ghana in a changing global confectionary market. **Journal Für Entwicklungspolitik**, v. 15, n. 2, p. 88-107, 2009.

BASTIAN, L.; SCHNEIDER, S.; RAMBO, A.G.; KRONE, E.E.; OLIVEIRA, C.D. Desenvolvimento e território: o Índice de Condições de Vida (ICV) do território rural Zona Sul do Rio Grande do Sul. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 37, n.3, p. 643 – 672, dez. 2016.

BATALHA, M.O.; SILVA, A.L. da. Gerenciamento de sistemas agroindustriais: definições, especificidades e correntes metodológicas. In: BATALHA, M.O. (Coord.). **Gestão Agroindustrial**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 770 p.

BATT, P.J. Building social capital in networks. **Industrial Marketing Management**, v. 37, n.5, p. 487-491, jul. 2008.

BERNARDO, C.H.C; SATOLO, E.G. **Diagrama para estruturação do método científico**. Material disponibilizado na disciplina “Metodologia da pesquisa”. Tupã: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Engenharia, 2016.

BORGATTI, S.P.; EVERETT, M.G.; FREEMAN, L.C. **Ucinet for Windows: Software for Social Network Analysis (software)**. Harvard, MA: Analytic Technologies, 2002.

BRASIL. Lei 9.279, de 14 de maio de 1996. Regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9279.htm>. Acesso em: 22 abr. 2017.

BRASIL, MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Instrução Normativa nº 38 de 24 de junho de 2008. Regulamento Técnico da Amêndoa de Cacau. Brasília, 24 jun. 2008. Seção 1.

_____. Instrução Normativa nº 57 de 13 de novembro de 2008. Retifica e altera incisos dos artigos da Instrução Normativa nº 38 de 24 de junho de 2008. Brasília, 13 nov. 2008. Seção 1.

_____. Regularização da Produção Orgânica. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/organicos/regularizacao-da-producao>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

BRASIL, SECRETARIA ESPECIAL DE AGRICULTURA FAMILIAR E DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. Cacau da Bahia: 70% da produção nacional. 2017. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/cacau-da-bahia-70-da-produ%C3%A7%C3%A3o-nacional>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

BUCIEGA, A.; ESPARCIA, J. Desarrollo, Territorio y Capital Social: Un análisis a partir de dinámicas relacionales en el desarrollo rural. **REDES - Revista hispana para el análisis de redes sociales**, v. 24, n.1, jun. 2013.

BURT, R.S. The contingent value of capital social. **Administrative Science Quarterly**. v. 42, n.2, Michigan, p. 339 – 365, 1997.

CALDAS, M.M.; PERZ, S. Agro-terrorism? The causes and consequences of the appearance of witch's broom disease in cocoa plantations of southern Bahia, Brazil. **Geoforum**, v. 47, p. 147 – 157, jan. 2013.

CEPLAC – COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DA LAVOURA CACAUEIRA. **Cacau: história e evolução**. Disponível em: <http://www.ceplac.gov.br/radar/radar_cacau.htm>. Acesso em: 28 jul. 2017a.

_____. **A CEPLAC**. Disponível em: <<http://www.ceplac.gov.br/paginas/ceplac/ceplac.asp>>. Acesso em: 28 jul. 2017b.

_____. **Vassoura-de-bruxa**. Disponível em: <<http://www.ceplac.gov.br/radar/vassoura-de-bruxa.htm>>. Acesso em: 12 mai. 2017c.

_____. **Superintendência de Desenvolvimento da Região Cacaueira do Estado da Bahia**. Disponível em: <<http://www.ceplac.gov.br/paginas/SUEBA/SUEBA.asp>> Acesso em: 22 dez. 2017c.

CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M. M. Arranjos e Sistemas Produtivos Locais na Indústria Brasileira. **Revista de Economia Contemporânea**. UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

COLEMAN, J.S. Social capital in the creation of human capital. **The American Journal of Sociology**, v. 94, 1988.

CONEJERO, M.; PONCE, R. Cacaucultura: Renascimento da cadeia produtiva. **Agroanalysis**, São Paulo, v. 32, n. 9, p. 23-24, set. 2012.

COUTO, V.A. O território do cacau no contexto da mundialização. **Análise & Dados**, Salvador, v.9, n. 4, p. 38 – 52, mar. 2000.

COUTO FILHO, V.A. Os “novos rurais” baianos. In: CAMPANHOLA, C.; GRAZIANO DA SILVA, J. (Org.). **O novo rural brasileiro**: uma análise estadual - nordeste. Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente, 2000. v. 2. 156p.

CROSS, R.; PARKER, A.; PRUSAK, L.; BORGATTI, S.P. Knowing What we know: Supporting Knowledge Creation in Social Networks. **Organizational Dynamics**, v. 30, n. 2, p. 100 – 120, 2001.

CROSS, R.; CUMMINGS, J. Tie and Networks Correlates of Individual Performance in Knowledge-Intensive Work. **Academy of Management Journal**, n. 47, p. 928-937, 2004.

CROSS, R.; THOMAS, R.J. **Redes sociais**: como empresários e executivos de vanguarda as utilizam para a obtenção de resultados. São Paulo: Gente, 2009. 256 p.

D'ARAÚJO, M.C. **Capital social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 2. ed. 68 p.

DEL RÉ, M.; RAMBO, A.G.; SCHNEIDER, S. As representações sociais nas dinâmicas territoriais do desenvolvimento rural: considerações sobre o Território Zona Sul do Rio Grande do Sul. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 25, n.1, p. 57 – 82, fev./mai. 2017.

DENGO. **Quem somos**. Disponível em: <[http://www.dengo.com/quem-somos#/> . Acesso em: 22 dez. 2017.](http://www.dengo.com/quem-somos#/)

ESTIVAL, Katianny Gomes Santana. **Construção social do mercado de qualidade do cacau no Brasil**. 2013. 320 p. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Centro de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2013.

ESTIVAL, K.G.S.; TEIXEIRA, L.R.; TEOTONIO, A.N.A.; CORREA, S.R.S. Da Política dos Coronéis do Cacau aos Espaços de Participação de Política: Um Estudo de Caso da Câmara Setorial do Cacau no Brasil. **Rev. Cien. Gerenc.**, v. 18, n. 27, p. 43-52, 2014.

ESTIVAL, K.G.S.; LAGINESTRA, A.M. A construção dos mercados de qualidade do cacau no Brasil. In: Congresso Nacional de Excelência em Gestão, 11., 2015, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos... Rio de Janeiro: FIRJAN, 2015. Disponível em: <http://www.inovarse.org/sites/default/files/T_15_144_9.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2017.

EVERETT, M. G.; BORGATTI, S. P. Extending Centrality In: CARRINGTON, P.; SCOTT, J.; WASSERMAN, S. (Orgs.). **Models and Methods in Social Network Analysis**. New York: Cambridge Press, 2005.

FACCIN, K; MACKE, J.; GENARI, D. Mensuração do capital social nas redes colaborativas vitivinícolas da Serra Gaúcha. **Organ. Soc.**, Salvador, v. 20, n. 65, p. 303-320, jun. 2013.

FACCIN, K. GENARI, D.; MACKE, J. Capital social e competitividade: um estudo comparativo entre duas redes vitivinícolas brasileiras. **Global Manager**, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 111-131, 2014.

FALK, I.; KILPATRICK, S. What is Social Capital? A Study of Interaction in a Rural Community. **Sociologia Ruralis**, v. 40, n. 1, p. 87 – 110, jan. 2000.

FAOSTAT – FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF UNITED NATIONS, STATISTICS DIVISION. **Crops**. 2017a. Disponível em: <<http://www.fao.org/faostat/en/#data/QC>>. Acesso em: 02 mar. 2017.

_____. **Compare Data**. 2017b. Disponível em: < <http://www.fao.org/faostat/en/#compare>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

FERREIRA, G.M.V.; ENDE, M.V.; ROSSÉS, G.F.; MADRUGA, L.R.R.G.; MARÇAL, D.R. Redes sociais e economia solidária: uma análise das redes de relacionamento dos pequenos produtores rurais participantes do Projeto Esperança/Coesperança. **Revista em Agronegócios e Meio Ambiente**, v. 7, n. 1, p. 151 – 171, jan./abr. 2014.

FERREIRA, A.C.R.; SANT'ANA, C.S. **Guia da Indicação Geográfica Sul da Bahia**. Ilhéus: PTCSB, 2017.

FREEMAN, L.C. Centrality in social networks: conceptual clarification. **Social Networks**, v.1, n.3, p. 215 – 239, 1979.

FONTES, M.J.V. **Do Cacau ao Chocolate**: trajetória, inovações e perspectivas das pequenas agroindústrias de cacau/chocolate. 2013. 200 p. Tese (Doutorado) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, RJ, 2013.

FÓRUM DO CACAU. **Indicação Geográfica do Sul da Bahia**. Disponível em: <<http://forumdocacau.com.br/indicacao-geografica-do-cacau-do-sul-da-bahia/>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

FUNBIO. **Quem somos**. Disponível em: <<https://www.funbio.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

GENARI, D. **Mensuração do capital social e comprometimento nas indústrias vitivinícolas do vale dos vinhedos associadas à Aprovale e à Aprobelo**: uma abordagem organizacional. 2010. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Administração da Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul-RS, 2010.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GONZALEZ, A.D.F.; VITAL, A.V.D.; LIMA, J.M.; RODRIGUES, M.B.S. Desenvolvimento sustentável para o resgate da cultura do cacau baseado no aproveitamento de resíduos. **Interfaces Científicas – Saúde e Ambiente**, Aracaju, v.1, n.2, p. 41 – 52, fev. 2013.

GRANDORI, A.; SODA, G. Inter-firm Networks: antecedents, mechanisms and forms. **Organizations Studies**, v. 16, n. 2, mar. 1995.

GRANOVETTER, M. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. **RAE Eletrônica**, São Paulo, v. 6, n. 1, art. 9, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S1676-56482007000100010.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2017.

_____. The strenght of weak ties. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 78, p. 1360 – 1380, 1973.

GRYNSZPAN, M. Origens e conexões norte-americanas do agribusiness no Brasil. **Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 9, n. 17, p. 123-148, jan./jun. 2012.

GUANZIROLI, C.E. Desenvolvimento territorial rural no Brasil: uma polêmica. In: FROEHLICH, J.M. (Org.) **Desenvolvimento territorial**: produção, identidade e consumo. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. 424 p.

HANSEN, B.E. Test of linearity. **Journal of Economic Surveys**, v. 13, n. 5, p. 551 – 576, 1999.

HENNENBERG, S.C.; SWART, J.; NAUDÉ, P.; ZIANG, P.N.Z.; MOUZAS, S. Mobilizing ideas in knowledge networks: A social networks analysis of the human resource management community 1990 – 2005. **The Learning Organization**, v. 16, n. 6, p. 443 – 459, 2009.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão Regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões intermediárias**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. 82 p. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/apps/regioes_geograficas/>.

ICCO - INTERNATIONAL COCA ORGANIZATION. **Production of cocoa beans**. 2017a. Disponível em: <https://www.icco.org/about-us/international-cocoa-agreements/cat_view/30-related-documents/46-statistics-production.html>. Acesso em: 28 jul. 2017.

_____. **Grindings of coca beans**. 2017b. Disponível em: <https://www.icco.org/about-us/international-cocoa-agreements/cat_view/30-related-documents/48-statistics-grindings.html>. Acesso em: 28 jul. 2017.

_____. **Chocolate Industry**. 2017c. Disponível em: <<https://www.icco.org/about-cocoa/chocolate-industry.html>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

IFBAIANO. **Cursos**. Disponível em: <<http://www.ifbaiano.edu.br/unidades/urucuca/diretoria-academica/cursos/>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

INPI – INSTITUTO NACIONAL DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL. **Pedidos de indicação geográfica concedidos e em andamento**. 2017. Disponível em: <<http://www.inpi.gov.br/menu-servicos/indicacao-geografica/pedidos-de-indicacao-geografica-no-brasil>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

KAGEYAMA, A. **Desenvolvimento rural: conceitos e aplicações ao caso brasileiro**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. 229 p.

LAZZARINI, S.G.; CHADDAD, F.R.; COOK, M.L. Integrating supply chain and network analyses: The study of netchains. **Chain and Network Science**, v. 1, n. 1, p. 7 – 22, 2001.

LAZZARINI, S.G. **Empresas em rede**. São Paulo: Cengage Learning, 2008. 86 p.

LEITER, J.; HARDING, S. Trinidad, Brazil and Gana: three melting moments in the history of cocoa. **Journal of Rural Studies**, v. 20, n. 1, p. 113-130, jan. 2004.

LOBÃO, D.E. **CACAU-CABRUCÁ – um modelo sustentável de agricultura tropical**. Disponível em: <http://www.ceplac.gov.br/radar/sistema_agro.htm>. Acesso em: 22 abr. 2017.

LOPES JÚNIOR, E. As potencialidades analíticas da Nova Sociologia Econômica. **Sociedade e Estado**, v. 17, n. 1, Brasília, p. 39 – 62, jan./jun. 2002.

MARCONI; M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 297 p.

MACIEL, C.O.; CASTRO, M. de. Configurações reticulares e inovações: reflexões acerca de padrões estruturais distintos. **REBRAE Revista Brasileira de Estratégia**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 71 – 85, jan./abr. 2010.

MARTELETO; R.M.; SILVA, A.B.O. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 41 -49, set./dez. 2004.

MARTES, A. C. B.; BULGACOV, S.; NASCIMENTO, M.R. do; GONÇALVES, S.A; AUGUSTO, P.M. Fórum — redes sociais e interorganizacionais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 46, n. 3, p. 10-15, 2006.

MARTINS, R.A. Abordagens quantitativa e qualitativa. In: MIGUEL, P.A.M (Org.). **Metodologia de pesquisa em engenharia de produção e gestão de operações**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010, pp.45-61.

MEDEIROS, M.L.; LANNES, S.C. da S. Propriedades físicas dos substitutos do cacau. **Ciência e Tecnologia de Alimentos**, Campinas, v.30, suppl. 1, p. 243-253, 2010.

MERCADO DO CACAU. **Produtores celebram Indicação Geográfica do Sul da Bahia**. Disponível em: <<http://mercadodocacau.com/artigo/produtores-celebram-indicacao-geografica-do-cacau-sul-da-bahia>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

MOLINA, J.L. La ciencia de las redes. **Apuntes de Ciencia y Tecnología**, n. 11, p. 36-42, jun. 2004.

MOLLO NETO, M. Análise de redes. In: REIS, J.G.M dos; MOLLO NETO, M.; VENDRAMETTO, O.; COSTA NETO, P.L.O. **Qualidade em redes de suprimento: qualidade aplicada ao Supply Chain Management**. São Paulo: Atlas, 2015. pp. 59-139.

MONTE, L.F.O.; AMIN, M.M. Análise da volatilidade do preço do cacau no mercado de futuros de Nova York (CSCE): uma aplicação do modelo de Garch. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 44, 2006, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: UFC, 2006. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/5/1059.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

_____. O impacto da especulação na volatilidade dos preços do cacau no mercado futuro de Nova York (CSCE): uma aplicação dos modelos de Garch. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 45, 2007, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: UEL, 2007. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/6/208.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

MORORÓ, R.A. Aproveitamento dos subprodutos, derivados e resíduos do cacau. In: III Congresso Brasileiro do Cacau, 2012. **Anais...** Ilhéus, 2012. Disponível em: <http://www.ceplac.gov.br/paginas/cbc/paginas/palestras/P7_3.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2017.

NAHAPIET, J; GHOSHAL, S. Social capital, intellectual capital, and the organizational advantage. **The Academy of Management Review**, v. 23, n. 2, pp. 242-266, abr. 1998.
 NUHOFF-ISAKHANYAN, G.; WUBBEN, E.F.M; OMTA, O.S.W.F.; PASCUCCI, S. Network structure in sustainable agro-industrial parks. **Journal of Clear Production**, v. 141, p. 1209 -1220, jan. 2017.

OECD – ORGANIZATION FOR ECONOMIC COOPERATION AND DEVELOPMENT.
The well-being of nations: the role of human and social capital. Paris: OECD, 2001. 120 p.

OLAVE, M.E.L.; AMATO NETO, J. Redes de cooperação produtiva: uma estratégia e competitividade e sobrevivência para pequenas e médias empresas. **Gestão & Produção**, São Carlos, v.8, n.3, p.289-303, dez. 2001.

O NÓ: Ato humano deliberado. Direção: Dilson Araújo. [S.I.]: Produção independente, 2012. 71 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_0mPiYocm-4>. Acesso em: 04 abr. 2017.

PATIAS, T.Z.; MARCO, D. de; WITTMANN, M.L.; XAVIER, T.R. Análise do capital social no Arranjo Produtivo Local do leite de Santana do Livramento-RS. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, v. 13, n. 30, p. 175-202, jan. 2015.

PINTO, A. M. G.; JUNQUEIRA, L. A. P. Relações de poder em uma rede do terceiro setor: um estudo de caso. **Revista de Administração Pública**, v.43, n.5, p.1091 – 1116, 2009.

Pereira, M. C., Barra, G. M. J., Santos, A.C. dos, Silva, P. J. da. **Contribuições e limitações do novo institucionalismo sociológico para a análise das redes organizacionais.** In: ENCONTROS DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD, 2006, Porto Alegre, RS. Anais: ENEO, 2006.

POTTS, J.; LYNCH, M.; WILKINGS, A.; HUPPÉ, G.; CUNNINGHAM, M.; VOORA, V. **The state of sustainability initiatives review: standards and the green economy.** Int. Inst.

For Sust. Dev. (IISD), 2014. Disponível em: <http://www.iisd.org/sites/default/files/pdf/2014/ssi_2014.pdf#page=130>. Acesso em 02 jun. 2017.

PUTNAM, R.D. **Cidadania e democracia**: a experiência da Itália moderna. 4. ed. São Paulo: Editora da FGV, 2008. 258 p.

REAGANS, R.; MCEMILY, B. Network structure and knowledge transfer: the effects of cohesion and range. **Administrative Science Quarterly**, v. 48, n. 2, jun. 2003, p. 240-267.

ROCHA, L.B. **A região cacauceira da Bahia – Dos Coronéis à Vassoura-de-bruxa**: saga, percepção, representação. Editora da UESC: Ilhéus, 2008. 258 p.

ROSÁRIO, M.; PERRUCHO, T.; FOWLER, R.L.; SALES, J.C. de. **Cacau**: História e Evolução no Brasil e no Mundo. CEPLAC: Ilhéus, 1978. 51 p.

SAES, M.S.M; SILVEIRA, R.L.F. da. Novas formas de organização das cadeias agrícolas brasileiras – Tendências recentes. In: BUAINAIN, A.M.; ALVES, E.; SILVEIRA, J.M. da; NAVARRO, Z. (Ed. Técn.). **O mundo rural no Brasil do século 21 – A formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Embrapa: Brasília, 2014. p. 295 - 317.

SCHAEFER, D.R.; KORNIENKO, O. Building cohesion in positively connected exchange networks. **Social Psychology Quarterly**, v.72, n.4, p. 384 – 402, dez. 2009.

SEGUNDO, G.S.A.; GOULART, L.A.; SILVA JUNIOR, M.F. da S.; UETANABARO, A.P.T. O cacau da região Sul da Bahia e a perspectiva histórica de uma Indicação Geográfica. **Cad. Prospec.**, Salvador, v.7, n. 4, p. 632 – 639, out./dez. 2014.

SERRA, M.; MARINHO, P.L. Crescimento X Desenvolvimento Regional Endógeno: Uma Análise da Região Cacauceira Baiana, 1960-1980. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v. 9, n. 15, p. 28 – 40, jan. 2007.

SIDRA - SISTEMA IBGE DE RECUPERAÇÃO AUTOMÁTICA. 2017a. **Tabela 1613 – Área destinada a colheita, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção das lavouras permanentes**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1613>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

_____. 2017b. **Tabela 793 – População residente**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/793#resultado>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

_____. 2017c. **Tabela 1301 – Área e densidade demográfica da unidade territorial.** Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/1301#resultado>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

SILVA, A.F.; FACHINELLO, A.L.; BOTEON, M.; JULIÃO, L.; POZELLI, R. Cadeia produtiva do cacau e chocolate: perfil e desafios. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 53., 2015, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: UFPB, 2015. Disponível em: <<http://www.cepea.esalq.usp.br/br/documentos/texto/cadeia-produtiva-do-cacau-e-chocolate-perfil-e-desafios-artigo-publicado-no-53-congresso-da-sober-2015.aspx>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

SOUZA, J.P. de; AVELHAN, B.L. Aspectos conceituais relacionados à análise de sistemas agroindustriais. **Caderno de Administração**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 47-62, 2009.

SNA – SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA. **Setor produtivo do cacau quer dobrar produção de amêndoas em 10 anos.** 2016. Disponível em: <<http://sna.agr.br/setor-produtivo-do-cacau-quer-dobrar-producao-de-amendoas-em-10-anos/>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

TABÔA. **Quem somos.** Disponível em: <<http://www.taboa.org.br/index.php/a-taboa/quem-somos>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

TARTARUGA, I.G.P. O conceito de território para análise do desenvolvimento rural. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 43., 2005, Londrina. **Anais eletrônicos...** Ribeirão Preto: USP, 2005. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/2/999.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

TEIA DOS POVOS. **A teia.** Disponível em: <<http://teiadospovos.redelivre.org.br/a-teia/>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

TEIXEIRA, M. **Brazil cocoa output to recover in 2016/17, industry eyes expansion.** Reuters, São Paulo, 28. nov. 2016. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/brazil-cocoa-outlook-idUSL8N1DQ46D>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

TERLUIN, I.D. Differences in economic development in rural regions of advanced countries: an overview and critical analysis of theories. **Journal of Rural Studies**, v. 19, n.3, p. 327 – 344, jul. 2003.

TOIGO, C.H.; CONTERATO, M.A.; WAQUIL, P.D. Domicílios rurais no Território Zona Sul: condições de vida e percepções. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, fev./mai. 2017.

UNCTAD - UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT. **Cocoa Study: Industry Structures and Competition**. New York: UNCTAD, 2008. 62p. Disponível em: < http://unctad.org/en/Docs/ditccom20081_en.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2017.

VALLEJOS, R. V.; MACKE, J.; OLEA, P. M.; TOSS, E. Collaborative networks and social capital: a theoretical and practical convergence. In: IFIP TC 5 WG 5.5 Ninth Working Conference on Virtual Enterprises. POZNAN, P. (Org.). **Pervasive Collaborative Networks**, Boston, v. 283, p. 43-52, 2008.

VEGRO, C.L.R.; ASSUMPCÃO, R. de; SILVA, J.R. da. Aspectos socioeconômicos da cadeia de produção da amêndoa de cacau no eixo paraense da transamazônica. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 44, n.4, p. 57 – 72, jul./ago. 2014.

VEIGA, J.E. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. 2. ed. Campinas: Autores associados, 2003. 304 p.

VILELAS, J. **Investigação: o processo de construção do conhecimento**. Lisboa: Edições Sílabo, 2017. 400 p.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social network analysis: methods and applications**. New York: Cambridge University Press, 1997. 825 p.

WILKINSON, J. Sociologia econômica, a teoria das convenções e o funcionamento dos mercados: "inputs" para analisar os micro e pequenos empreendimentos agroindustriais no Brasil. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 805-823, 2002.

ZYLBERSTAJN, D. **Estruturas de Governança e Coordenação do Agribusiness: Uma Aplicação da Nova Economia das Instituições**. 1995. 239 f. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Administração, Economia e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1995.

_____. Conceitos Gerais, Evolução e Apresentação do Sistema Agroindustrial. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M.F. (Org.). **Economia e Gestão dos Negócios Agroalimentares**. São Paulo: Pioneira, 2000. p. 1-22.

Análise do Capital Social

Dimensão relacional	Discordo (1)	Neutro (2)	Concordo (3)
1. As diferenças existentes entre as organizações e instituições não prejudicam a rede.			
2. Dentro da rede, os integrantes pensam e agem de acordo com os interesses de todos.			
3. Os integrantes da rede buscam sempre colaborar entre si, através de ideias, recursos e informações.			
Dimensão Estrutural	Discordo (1)	Neutro (2)	Concordo (3)
4. Os integrantes da rede sempre dividem as informações com os demais			
5. A rede organiza atividades coletivas com nossos parceiros: treinamentos, feiras e eventos, em geral na sociedade local.			
6. Não há obstáculos à comunicação entre minha propriedade e os parceiros da rede na troca de conhecimentos profissionais.			
7. Considero os integrantes da rede como meus amigos			
8. Participo da rede porque concordo com o objetivo pelo qual a mesma foi criada.			
Dimensão cognitiva	Discordo (1)	Neutro (2)	Concordo (3)
9. A maioria dos integrantes conhece e concorda com o objetivo da rede			
10. O objetivo da rede é claro, também, para quem não participa da mesma.			
11. A maioria dos membros da rede participa dos eventos propostos pela mesma (reuniões, feiras, palestras, seminários, viagens etc.).			